



## Análise sobre o tabagismo entre os universitários de medicina do estado do Acre

Analysis of smoking among medical students in the state of Acre

Análisis del tabaquismo entre los estudiantes de medicina del estado de Acre

Alice Pinto de Souza<sup>1</sup>, Andressa Iohana Holanda do Nascimento<sup>1</sup>, Ronald da Silva Brito<sup>1</sup>, Gerson Maciel Coelho<sup>1</sup>, Maira Porto Viana<sup>1</sup>.

### RESUMO

**Objetivo:** Analisar o padrão e os fatores desencadeantes do tabagismo entre estudantes de medicina do estado do Acre, Brasil. **Métodos:** Estudo transversal, com abordagem quantitativa e qualitativa, realizado com 83 estudantes em 2 instituições de ensino superior. Os dados foram coletados por meio de questionário online estruturado, abordando sobre hábitos de tabagismo, fatores psicossociais e consequências do tabagismo. Utilizaram-se estatísticas descritivas, teste do qui-quadrado, e t de Student para análise. **Resultados:** Dos participantes, 8,5% eram fumantes ativos e 12% ex-fumantes; 79,5% nunca fumaram. Sendo que 43,9% relataram alto estresse acadêmico, 77,5% afirmaram que o tabagismo não impactou sua vida acadêmica. A influência familiar mostra-se pouco significativas. **Conclusão:** A prevalência de tabagismo é relativamente baixa entre os estudantes, porém o uso de cigarros eletrônicos e a associação com o estresse acadêmico merecem atenção.

**Palavras-chave:** Tabagismo, Estudantes de medicina, Fatores psicossociais.

### ABSTRACT

**Objective:** To analyze the pattern and triggering factors of smoking among medical students in the state of Acre, Brazil. **Methods:** This is a cross-sectional study with a quantitative and qualitative approach, conducted with 83 students in 2 higher education institution. Data were collected through a structured online questionnaire addressing smoking habits, psychosocial factors, and the consequences of smoking. Descriptive statistics, chi-square test, and Student's t-test were used for analysis. **Results:** Among participants, 8.5% were current smokers and 12% former smokers; 79.5% had never smoked. While 43.9% reported high academic stress, 77.5% stated that smoking did not impact their academic life. Family influence appeared to be minimal. **Conclusion:** Smoking prevalence is relatively low among students; however, the use of electronic cigarettes and its association with academic stress deserve attention.

**Keywords:** Smoking, Medical students, Psychosocial factors.

### RESUMEN

**Objetivo:** Analizar el patrón y los factores desencadenantes del tabaquismo entre estudiantes de medicina del estado de Acre, Brasil. **Métodos:** Estudio transversal con enfoque cuantitativo y cualitativo, realizado con 83 estudiantes en 2 instituciones de educación superior. Los datos se recolectaron mediante un cuestionario estructurado en línea que abordaba hábitos de tabaquismo, factores psicossociales y consecuencias del tabaquismo. Se utilizaron estadísticas descriptivas, prueba de chi-cuadrado y t de Student para el análisis. **Resultados:** Del total de participantes, el 8,5% eran fumadores activos y el 12% exfumadores; el 79,5% nunca había fumado. El 43,9% reportó un alto nivel de estrés académico, y el 77,5% afirmó que el tabaquismo no afectó su vida académica. La influencia familiar fue poco significativa. **Conclusión:** La prevalencia del tabaquismo es relativamente baja entre los estudiantes; sin embargo, el uso de cigarrillos electrónicos y su relación con el estrés académico merece atención.

**Palabras clave:** Tabaquismo, Estudiantes de medicina, Factores psicossociales.

<sup>1</sup> AFYA Faculdade de Ciências Médicas de Cruzeiro do Sul, Cruzeiro do Sul - AC.

## INTRODUÇÃO

O tabagismo é um problema de saúde pública que tem sido objeto de crescente preocupação devido aos seus efeitos adversos sobre a saúde individual e coletiva. O tabaco é responsável por mais de oito milhões de mortes anualmente em todo o mundo, sendo uma das principais causas evitáveis de doenças cardiovasculares, câncer e doenças respiratórias crônicas (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2022). No contexto brasileiro, apesar dos avanços nas políticas de controle do tabaco, o consumo de cigarros ainda representa um desafio significativo para a saúde pública. Estima-se que cerca de 14% da população adulta brasileira seja fumante, o que destaca a importância de medidas de prevenção e controle contínuo do tabagismo (BRAGA AVC, et al., 2021).

A prevalência do tabagismo não afeta homogeneamente todas as camadas da sociedade. Nesse aspecto, diferentes grupos populacionais apresentam taxas variadas de uso de cigarro, influenciadas por uma série de fatores socioeconômicos, culturais e comportamentais (CARDOSO ACC, et al., 2022). Assim, entre esses grupos, os estudantes universitários, em particular os de cursos da área da saúde, são alvo de especial atenção devido ao seu papel como futuros profissionais da saúde e agentes de mudança social. Martins SR, et al. (2021) relatam que os estudantes universitários representam uma população heterogênea, caracterizada por uma transição importante na vida adulta, marcada por mudanças no estilo de vida e na tomada de decisões relacionadas à saúde. Nesse contexto, o uso de produtos derivados do tabaco é influenciado por uma variedade de fatores, incluindo o estresse acadêmico, a influência do grupo social, além da disponibilidade e acessibilidade dessas substâncias.

Dada essa realidade, especificamente entre os universitários de Medicina, espera-se uma sensibilização mais elevada sobre os riscos à saúde associados ao tabagismo, dada a natureza do curso e a formação recebida, todavia, mesmo nesse grupo, o tabagismo persiste devido a diferentes motivos, como estratégias de enfrentamento do estresse, influência de colegas fumantes e dependência química (MIRANDA C, et al., 2020). Diante desse cenário, compreender a prevalência e os determinantes do tabagismo entre os universitários de Medicina no Estado do Acre é fundamental para desenvolver intervenções eficazes de prevenção e cessação do vício, bem como para promover um ambiente acadêmico e profissional saudável e livre do tabaco.

## MÉTODOS

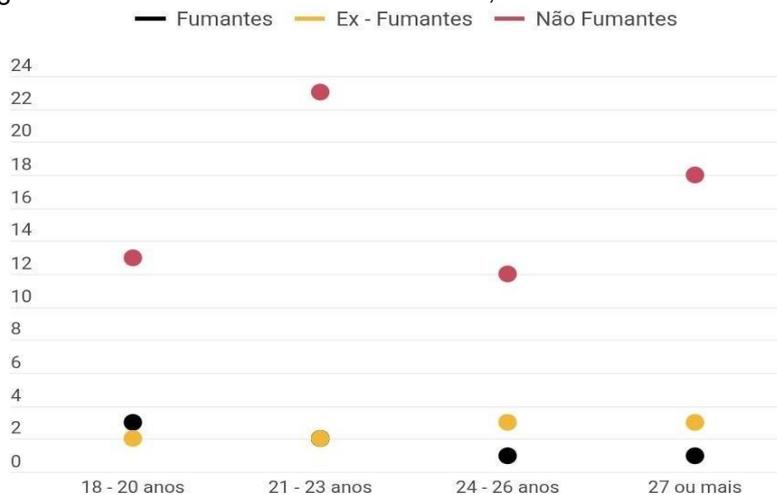
Trata-se de um estudo transversal, com abordagem quantitativa e qualitativa, cujo objetivo foi analisar o padrão e os fatores associados ao tabagismo entre estudantes de medicina do estado do Acre. A população do estudo incluiu todos os alunos regularmente matriculados em cursos de graduação em Medicina de duas instituições de ensino superior localizadas na região Norte do Brasil. Para garantir representatividade de todas as fases do curso, utilizou-se amostragem estratificada proporcional, considerando os períodos do 1º ao 12º. O cálculo amostral considerou um nível de confiança de 95% e um erro amostral de 5%. Foram incluídos estudantes maiores de 18 anos, regularmente matriculados em qualquer período das instituições participantes. Foram excluídos aqueles ausentes durante a coleta de dados ou que não concordaram em participar do estudo.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário estruturado, aplicado online via Google Forms, conforme a conveniência dos participantes. O instrumento, apresentado no Apêndice A, foi dividido em quatro seções: (1) dados demográficos; (2) hábitos relacionados ao tabagismo (frequência, idade de início e padrão de consumo); (3) fatores psicossociais (estresse acadêmico e influência familiar); e (4) consequências do tabagismo na saúde. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) CAAE: 82014624.7.0000.9667 e parecer 7.258.237. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e participaram voluntariamente, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O anonimato e a confidencialidade dos dados foram assegurados. Os dados foram organizados em planilhas do Excel e apresentados em tabelas no software Word. A análise estatística incluiu frequências, percentuais, médias e desvios-padrão. Também foram realizadas análises bivariadas, com uso do teste do qui-quadrado para verificar associações entre o tabagismo e variáveis sociodemográficas, e do teste t de Student para análise, os dados foram plotados no Prisma 10-1-1.2023 e no 2025 Infogram.

**RESULTADOS**

A pesquisa realizada com estudantes de medicina no estado do Acre contou com a participação de 83 acadêmicos, sendo 73,5% (61) oriundos da Instituição de Ensino Superior 1 e 26,5% (22) da Instituição de Ensino Superior 2. Em relação ao uso do tabaco, 79,5% (66) afirmaram nunca ter fumado, 12% (10) se declararam ex-fumantes e 8,5% (7) são fumantes ativos, sendo a maioria mulheres. A maior concentração de respondentes estava na faixa etária de 21 a 23 anos, representando 32,5% (27) do total. Além disso, 26,5% (22) tinham 27 anos ou mais, 19,2% (16) tinham entre 24 a 26 anos e 21,6% (18) entre 18 a 20 anos (Gráfico 2). Quanto ao perfil de gênero, 60,2% (50) dos participantes se identificaram como mulheres e 39,8% (33) como homens. A maioria dos estudantes eram solteiros (89,2% - 74), enquanto apenas 10,8% (9) estavam casados.

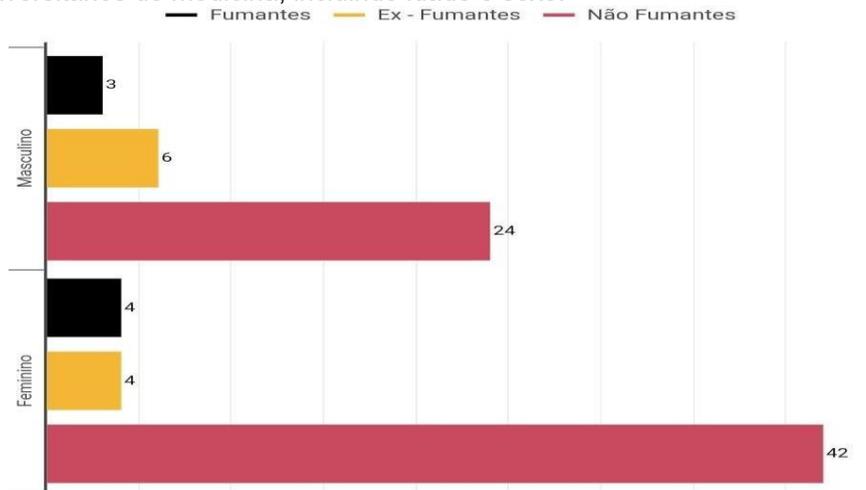
**Gráfico 1** – Identificar os fatores sociodemográficos associados ao tabagismo entre os universitários de medicina, incluindo idade e sexo.



**Nota:** Criado no Infogram, 2025. **Fonte:** Souza AP, et al., 2025.

Ao analisar a relação entre o sexo e o tabagismo, observou-se que, entre os homens (representando 39,8% da amostra, ou seja, 33 participantes), 9,1% (3) se declararam fumantes, 18,2% (6) eram ex-fumantes e 72,7% (24) nunca fumaram. Já entre as mulheres (60,2% da amostra, equivalente a 50 participantes), 8% (4) relataram ser fumantes, 8% (4) ex-fumantes e 84% (42) nunca haviam feito uso de tabaco (**Gráfico 2**).

**Gráfico 2** - Identificar os fatores sociodemográficos associados ao tabagismo entre os universitários de medicina, incluindo idade e sexo.

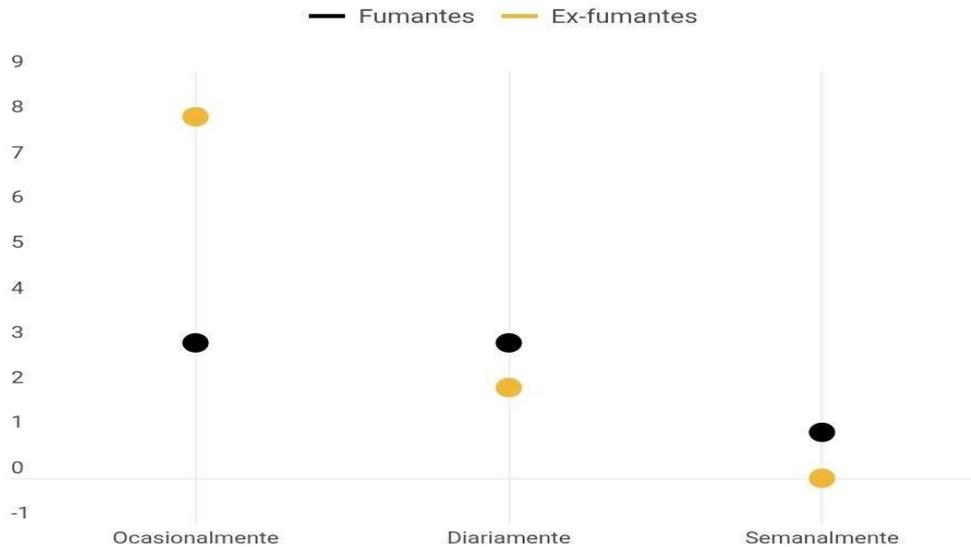


**Nota:** Criado em Infogram, 2025. **Fonte:** Souza AP, et al., 2025.

Em relação à frequência do tabagismo, os 12% que se identificaram como ex-fumantes, 80% (8) tiveram contato com o cigarro de forma ocasional, enquanto 20% (2) relataram consumo diário. Enquanto os que

declararam fumantes, 42,9% (3) fumam ocasionalmente, 42,9% (3) diariamente e 14,2% (1) semanalmente (**Gráfico 3**).

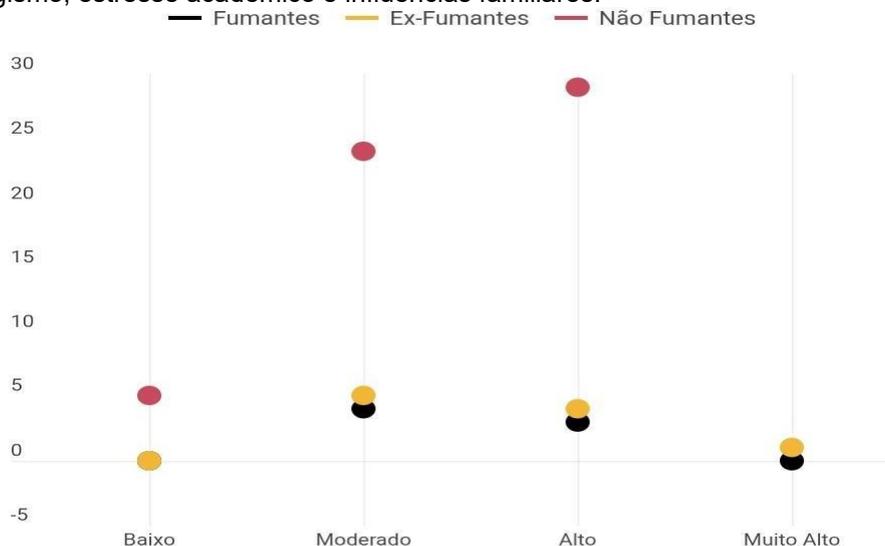
**Gráfico 3** – Conhecer os fatores psicossociais que podem influenciar o hábito de fumar entre os estudantes de medicina no Acre, como a relação da frequência do tabagismo, estresse acadêmico e influências familiares.



**Nota:** Criado em Infogram, 2025. **Fonte:** Souza AP, et al., 2025.

Em relação ao estresse acadêmico, 43,9% (36) dos participantes o classificaram como alto, 40,2% (33) como moderado, 9,8% (8) como extremamente alto e 6,1% (5) como baixo. Ao analisar a relação entre o estresse e o uso do tabaco, observou-se que entre os que relataram nível moderado de estresse, 4 eram fumantes, 5 ex-fumantes e 24 não fumantes. No grupo com estresse alto, 3 eram fumantes, 4 ex-fumantes e 29 não fumantes. Entre os que classificaram o estresse como extremamente alto, havia 1 ex-fumante e 7 não fumantes; nenhum fumante se enquadrou nessa categoria. Já o nível baixo de estresse foi relatado apenas por 5 não fumantes. Quanto à pressão dos colegas para fumar, a maioria (77,1%; 64) afirmou não senti-la, 19,3% (16) relataram pressão baixa e apenas 3,6% (3) consideraram-na moderada (**Gráfico 4**).

**Gráfico 4** – Conhecer os fatores psicossociais que podem influenciar o hábito de fumar entre os estudantes de medicina no Acre, como a relação da frequência do tabagismo, estresse acadêmico e influências familiares.

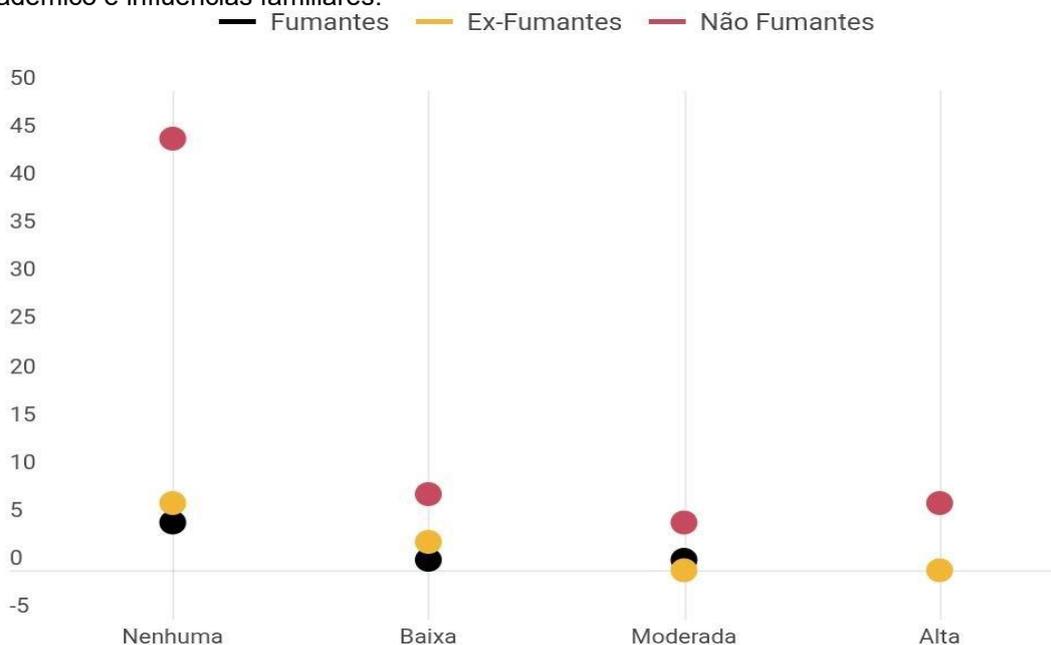


**Nota:** Criado em Infogram, 2025. **Fonte:** Souza AP, et al., 2025.

Com base nos dados analisados, observou-se que 68,6% (57) participantes relataram não ter sofrido nenhuma influência familiar para o início do tabagismo. Dentre esses, 79% (45) nunca fumaram, 12,3% (7) afirmaram já ter fumado em algum momento da vida e 8,7% (5) se identificaram como fumantes atuais. Em relação àqueles que relataram baixa influência familiar, o que representa 14,5% (12) do total, 66,7% (8) nunca fumaram, 25% (3) já fumaram e apenas 1 declarou ser fumante (8,3%).

Já 7,2% (6) indicaram ter influência moderada, sendo que 83,3% (5) nunca fumaram e 1 é fumante atual (16,7%), sem relatos de ex-fumantes. Por fim, 8,4% (7) dos participantes apontaram alta influência familiar, sendo que todos declararam nunca ter fumado, e 1 participante não respondeu à questão (**Gráfico 5**).

**Gráfico 5** – Conhecer os fatores psicossociais que podem influenciar o hábito de fumar entre os estudantes de medicina no Acre, como a relação da frequência do tabagismo, estresse acadêmico e influências familiares.



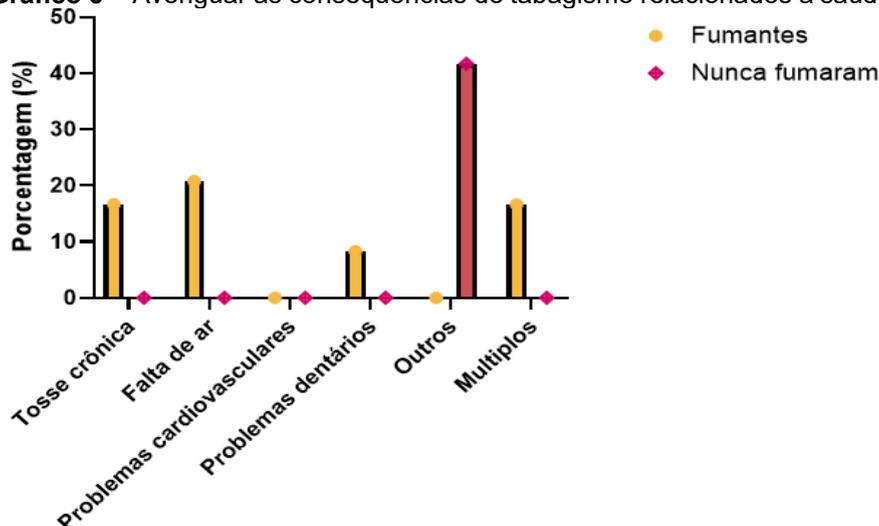
**Nota:** Criado em Infogram, 2025. **Fonte:** Souza AP, et al., 2025.

Entre os 17 alunos que relataram ter tido contato com o tabaco, a maioria (8 indivíduos, ou 47,1%) afirmou não ter identificado gatilhos específicos que os levassem a fumar. O álcool foi citado por 5 participantes (29,4%), o estresse por 3 (17,6%) e a ansiedade por 1 (5,9%) como possíveis fatores desencadeantes. No que se refere aos impactos do tabagismo na vida acadêmica, 77,5% dos participantes gerais disseram não perceber nenhuma influência, enquanto 7% relataram um impacto leve e 8,5% o consideraram significativo.

Quando questionados especificamente sobre o impacto do uso de tabaco no desempenho acadêmico, a maioria dos participantes relatou não ter sido afetada. Dos 17 alunos que já tiveram contato com o tabaco — correspondendo a 20,5% do total de 83 respondentes — 90% (14) afirmaram que seu desempenho acadêmico não foi prejudicado. Especificamente, entre os fumantes atuais, 5 declararam não terem tido alterações no desempenho, e 2 relataram impacto leve. Já entre os ex-fumantes, 9 afirmaram não ter havido prejuízo, 1 indicou impacto moderado e nenhum relatou comprometimento severo.

Ao serem questionados sobre problemas de saúde relacionados ao tabagismo, 71,08% dos participantes (59 de 83) não responderam à pergunta. Já 16,67% (4 participantes) relataram sofrer de tosse crônica, enquanto 20,83% (5 participantes) mencionaram episódios de falta de ar. Outros 41,67% (10 participantes) relataram não ter nenhum problema, e porcentagem 8,33% (2 participantes) indicou a presença simultânea de tosse crônica, falta de ar, problemas cardiovasculares e problemas dentários. Além disso, 4,16% (1 participante) mencionaram problemas dentários e outros 8,33% (2 participantes) relatam tosse crônica e falta de ar (**Gráfico 6**).

**Gráfico 6** – Averiguar as consequências do tabagismo relacionados a saúde.



**Nota:** Criado em Prisma, 2025. **Fonte:** Souza AP, et al., 2025.

No que diz respeito ao desejo de parar de fumar, 24 participantes responderam a essa questão. Entre eles, 33,33% (8 participantes) afirmaram não ter vontade de abandonar o tabagismo. Dentre esse grupo, 50% (4 indivíduos) nunca fumaram, 37,5% (3) são fumantes e 12,5% (1) são ex-fumantes. Por outro lado, 45,83% (11 participantes) expressaram o desejo de parar de fumar; desses, 18,2% (2) nunca fumaram, 9,1% (1) são fumantes e a maioria, 72,7% (8), são ex-fumantes. Já 12,5% (3 participantes) afirmaram não saber se desejam parar, sendo dois deles (66,7%) nunca fumantes e um (33,3%) fumante atual. Por fim, 8,33% (2 participantes) relataram que já tentaram parar de fumar, mas não conseguiram, sendo ambos fumantes. Ainda, uma pessoa (1 ex-fumante) não respondeu à pergunta.

## DISCUSSÃO

A análise dos dados entre estudantes de medicina no Acre revela que, embora 79,5% nunca tenham usado derivados do tabaco, ainda há 8,4% de fumantes e 12% de ex-fumantes, o que indica a persistência do tabagismo mesmo entre quem tem acesso à informação em saúde. Isso sugere que fatores como estresse acadêmico, emoções e pressões sociais influenciam escolhas pessoais (MENEZES AMB, et al., 1994).

Estudo recente com universitários do Centro-Oeste reforça essa visão, apontando curiosidade, aceitação social, ansiedade e estresse como principais motivadores do consumo (CARDOSO TCA, et al., 2024). A distribuição do tabagismo por sexo revela leve diferença nos comportamentos.

Entre os homens (39,8% da amostra), 9,1% são fumantes, 18,2% ex-fumantes e 72,7% nunca fumaram. Já entre as mulheres (60,2%), 8% relataram ser ou ter sido fumantes, enquanto 84% nunca fizeram uso do tabaco. Esses dados indicam uma maior exposição masculina ao tabagismo ao longo da vida, possivelmente por fatores culturais e sociais, como maior permissividade ao consumo. Dados nacionais de 2023 corroboram essa tendência, mostrando que 11,7% dos homens e 7% das mulheres são fumantes, evidenciando um padrão persistente de desigualdade de gênero no comportamento tabágico (STATISTA, 2023; FREIRE FHM, et al., 2023). Em contrapartida, o elevado índice de não-fumantes entre as mulheres pode refletir maior adesão à prevenção e comportamento mais cauteloso quanto aos riscos à saúde (STAEELLE GV, et al., 2021).

Essas observações estão alinhadas com estudos realizados em outras regiões do Brasil. Por exemplo, pesquisa em uma universidade pública de Santa Catarina identificou que o sexo masculino foi um fator de risco significativo para o tabagismo, com 46,3% dos homens relatando uso de tabaco nos últimos três meses, em comparação a 19,4% das mulheres. Em Pelotas, embora não houvesse diferença estatística significativa entre os sexos, a frequência de tabagismo aumentava ao longo do curso de medicina (MENEZES AMB, et al., 1994).

Em Passo Fundo, um estudo recente encontrou uma prevalência de 16,5% de fumantes ativos entre os estudantes de medicina, com fatores como sexo masculino, consumo regular de álcool e uso de antidepressivos ou ansiolíticos associados ao tabagismo (STRAMARI LM, et al., 2018).

A elevada proporção geral de não-fumantes entre os acadêmicos de medicina pode, portanto, refletir um nível significativo de conscientização sobre os riscos associados ao tabagismo, em consonância com estudos anteriores que apontam maior rejeição ao uso do tabaco entre estudantes da área da saúde. Ainda assim, a persistência do hábito, mesmo que em menor escala, evidencia a necessidade contínua de estratégias de enfrentamento voltadas à prevenção e ao suporte psicossocial no ambiente acadêmico (STAELE GV, et al., 2021). O início do uso do cigarro, majoritariamente entre 15 e 18 anos (47,1%), segue a tendência já apontada na literatura, que identifica a adolescência como período de maior vulnerabilidade à experimentação de substâncias como o tabaco (SINHA DN, et al., 2020).

É nessa fase que fatores como curiosidade, necessidade de pertencimento e exposição a influências sociais têm impacto mais forte no comportamento. A relação entre tabagismo e estresse acadêmico também se destaca. No presente estudo, 43,9% relataram níveis elevados de estresse, e 9,8% descreveram-no como extremamente alto. Esses achados dialogam com pesquisas que mostram que, diante de pressões intensas, estudantes universitários podem recorrer ao uso de substâncias como o cigarro para lidar com as demandas emocionais (TAWBA W, et al., 2024; KRUSE AN, et al., 2024). Embora a maioria dos entrevistados não estabeleça uma relação direta entre o tabagismo e o estresse, 1,3% apontaram esse fator como um desencadeador do consumo. Tal dado demonstra evidências presentes na literatura científica, que indicam o estresse como uma variável de risco significativa para a iniciação ou perpetuação do hábito de fumar (FONSECA M e SILVA LV, 2021).

Adicionalmente, a baixa influência da pressão social relatada por 77,1% dos participantes, bem como a ausência de influência familiar significativa entre 66,2% dos entrevistados, pode indicar um ambiente sociocultural relativamente protetivo. Apesar disso, os dados também mostram que entre os que sofreram influências moderadas ou altas da família, ainda existem casos de fumantes ativos. Tais resultados revelam que, mesmo quando essas pressões externas são minimizadas, fatores individuais como experiências emocionais e dificuldades pessoais continuam desempenhando papel importante no comportamento de risco. Entre os fumantes ativos, chama atenção o fato de que 71,4% consomem de 1 a 5 cigarros por dia e 42,9% relataram uso diário, o que, apesar de sugerir um padrão leve de consumo, não deve ser desconsiderado, visto que mesmo o tabagismo ocasional pode estar associado a prejuízos à saúde.

De fato, entre os que relataram problemas de saúde, houve menções a tosse crônica (4,82%), falta de ar (6,02%) e até sintomas cardiovasculares (2,41%), o que reforça as consequências clínicas do uso do tabaco, mesmo em baixas quantidades. Sobre o impacto do tabagismo na vida acadêmica, 77,5% afirmaram que não perceberam mudanças significativas, mas 8,5% relataram efeitos relevantes. Isso indica que, embora a maioria não relacione diretamente o fumo ao rendimento acadêmico, há uma parcela que vivencia repercussões negativas, principalmente em aspectos de saúde que podem interferir no desempenho. Outro ponto importante do estudo foi a avaliação do desejo de cessar o tabagismo. Entre os 24 participantes que responderam a essa questão, 45,83% expressaram vontade de parar de fumar, e outros 8,33% já tentaram, sem sucesso.

Esses números mostram que, mesmo entre um grupo pequeno de usuários, existe motivação para a mudança, o que se alinha com a literatura que aponta a preocupação com a saúde e o bem-estar como fatores centrais na decisão de abandonar o tabaco (PROCHASKA JJ e VELICER WF, 1997). Por fim, o uso de cigarros eletrônicos e vapes por mais da metade dos fumantes (52,9%) aponta para uma mudança de padrão no consumo de nicotina, alinhada ao comportamento observado em outros contextos universitários. A crescente popularização desses dispositivos, muitas vezes vistos como “menos nocivos”, exige atenção especial, especialmente considerando a facilidade de acesso e a aceitação social mais ampla. Adicionalmente, é importante refletir sobre os efeitos simbólicos e éticos do tabagismo na figura do estudante de medicina, que, como futuro profissional de saúde, é socialmente percebido como modelo de conduta e promotor de hábitos saudáveis.

A manutenção do hábito de fumar por parte desses acadêmicos representa uma dissonância entre o conhecimento técnico-científico adquirido ao longo da formação e a prática pessoal, o que pode comprometer sua credibilidade perante os pacientes. Essa incoerência pode fragilizar a eficácia das orientações antitabagistas que venham a ser transmitidas, gerando descrédito e resistência por parte da população. Como ressaltam Ferreira LM e Silva MR (2020), "os profissionais de saúde que fumam enfrentam um paradoxo entre a função educativa que desempenham e a contradição de manterem hábitos sabidamente nocivos à saúde", o que evidencia a importância de políticas formativas que abordem o autocuidado como parte da competência médica. Dessa forma, os dados obtidos reforçam a necessidade de estratégias preventivas e de intervenção focadas não apenas na informação, mas também no apoio emocional e psicológico aos estudantes. Políticas institucionais que acolham e orientem os alunos quanto aos riscos e ofereçam suporte para cessação do tabagismo podem ser decisivas para a mudança de comportamento.

## CONCLUSÃO

O estudo realizado com estudantes de medicina do estado do Acre evidenciou a presença de diversos fatores sociais, emocionais e acadêmicos relacionados ao uso do tabaco. Embora a maioria dos participantes nunca tenha fumado, a identificação de fumantes ativos e ex-fumantes demonstra que o tabagismo ainda persiste como uma questão relevante nesse contexto de saúde pública. Aspectos como a idade de início, padrões de consumo, associação com o uso de álcool e níveis de estresse foram destacados como pontos importantes para uma futura formulação de estratégias preventivas. Além disso, os motivos relatados para interromper o hábito e as dificuldades enfrentadas nesse processo revelam a necessidade de ações que promovam sensibilização e ofereçam suporte contínuo aos estudantes. Diante disso, destaca-se a importância de campanhas educativas voltadas para os riscos do tabagismo, a promoção de ambientes acadêmicos livres de fumo e o fortalecimento de redes de apoio social. A continuidade do monitoramento do tabagismo entre universitários se mostra essencial para compreender suas dinâmicas e subsidiar intervenções mais eficazes.

## REFERÊNCIAS

1. BRAGA AVC, et al. A socialização por meio da fumaça: o uso de narguilé entre estudantes de medicina. 2021.
2. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Associação Médica Brasileira. Projeto e Diretrizes. Evidências Científicas sobre Tabagismo para Subsídio ao Poder Judiciário. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva, Aliança de Controle do Tabagismo. Brasília, DF, 2013.
3. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Vigitel, Brasil 2011: doenças crônicas por inquérito telefônico. Brasília, DF, 2011.
4. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Vigitel Brasil 2012: Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico. Brasília, DF, 2012.
5. BRESLAU N, et al. O impacto do tabagismo nos resultados de saúde em adultos jovens. *Journal of Adolescent Health*, 2018.
6. CARDOSO ACC, et al. Prevalência de transtornos mentais comuns entre estudantes de Medicina durante a pandemia de Covid-19. *Revista brasileira de educação médica*, 2022; 46: 6.
7. CARDOSO TCA, et al. Hábito de fumar e a qualidade de vida de estudantes de medicina de uma universidade no Centro-oeste do Brasil. *Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos*, 2024; 19(2): 13–28.
8. CAVALCANTE VKG, et al. Análise da prevalência de obesidade e sobrepeso entre estudantes de medicina de uma universidade privada de um município do estado do Maranhão. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2024; 24(5): e15078.
9. FERREIRA LM e SILVA MR. Profissionais de saúde e o tabagismo: entre a prática clínica e o comportamento pessoal. *Revista de Saúde e Desenvolvimento*, 2020; 16(2): 25-34.
10. FONSECA M e SILVA LV. Estresse e tabagismo: uma revisão sobre fatores associados ao início e manutenção do hábito de fumar. *Revista Brasileira de Psicologia*, 2021; 7(2): 88–99.
11. FREIRE FHM, et al. Patterns of Birth Cohort–Specific Smoking Histories in Brazil. *American Journal of Preventive Medicine*, 2023; 64(2): 123–131.

12. GRISANI A, et al. Impactos do tabagismo na qualidade de vida dos estudantes de medicina, uma revisão integrativa. *Brazilian Journal of Health Review*, 2023; 6(3): 9649-9463.
13. IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico, 2010.
14. INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. Comissão Nacional para a Implementação da Convenção. Quadro para o Controle do Tabaco e de seus Protocolos. Aditivos em cigarros. Rio de Janeiro: Inca, 2011.
15. KANUF VS, et al. A influência do estilo de vida e hábitos alimentares no perfil nutricional de estudantes de medicina e outros acadêmicos da área de saúde. *Revista de Medicina*, 2024; 103: 1.
16. KRUSE AN, et al. Psychological stress and tobacco use among university students: a cross-sectional study. *MedRxiv*, 2024.
17. MARTINS SR, et al. Prevalência de experimentação e uso atual de narguilé e cigarros eletrônicos e os fatores associados entre estudantes de medicina: estudo multicêntrico no Brasil. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, 2023; 49: 20210467.
18. MENEZES AMB, et al. Hábito de fumar entre estudantes de medicina da Universidade Federal de Pelotas, Brasil: comparação entre as prevalências de 1986 e 1991. *Cadernos de Saúde Pública*, 1994; 10(2): 164-170.
19. MIRANDA C, et al. Análise do consumo de substâncias psicoativas por estudantes de medicina de uma Faculdade do Espírito Santo, Brasil/Analysis of psychoactive substance consumption by medical students at a College in Espírito Santo, Brazil. *Arquivos Médicos dos Hospitais e da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo*, 2020; 8-1.
20. OLIVEIRA MP, et al. Prevalência de depressão entre estudantes de Medicina em universidade de Goiás. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2024; 48(2): 45.
21. PROCHASKA JJ e VELICER WF. O modelo transteórico de mudança de comportamento em saúde. *American Journal of Health Promotion*, 1997.
22. PROJETO ITC. Projeto Internacional de Avaliação de Políticas de Controle do Tabaco (ITC- BRASIL). Resultados das Ondas 1 e 2 da Pesquisa (2009-2013). Universidade de Waterloo, Waterloo, Ontario, Canada; Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA); Ministério da Justiça, Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SENAD); Fundação do Câncer; Aliança de Controle do Tabagismo (ACTbr); e Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Centro de Estudos sobre Tabaco e Saúde (CETAB), 2014.
23. SALAZAR PR. O uso do tabaco entre trabalhadores técnicos administrativos em educação de uma universidade pública do Estado de Minas Gerais. Dissertação (Mestrado em saúde). Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014; 135.
24. SANTOS FD, et al. Expressão da p53 no tumor e no epitélio oral em pacientes com câncer de boca e faringe. *Arquivos Int. Otorrinolaringologista. (Impr.)*, 2011; 15(1): 8-21.
25. SCAPIM JPR, et al. Tabagismo, consumo de bebidas alcoólicas e os fatores associados em estudantes de medicina. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 2021; 70: 117-125.
26. SINHA DN, et al. Prevenção do uso de tabaco entre estudantes universitários: uma revisão sistemática. *Controle do Tabaco*, 2020.
27. SOLÉ D e SAKANO E. *Brazilian Journal of Otorhinolaryngology*. In: consenso brasileiro sobre rinites, 2012; 75(6).
28. STAELE GV, et al. Prevalência do uso de substâncias derivadas do tabaco por estudantes de medicina de uma universidade de Santa Catarina. *Arquivos Catarinenses de Medicina*, Disponível em: <https://revista.acm.org.br/index.php/arquivos/article/view/956>. 2021; 50(1): 81-92.
29. STATISTA. Smoking rates in Brazil by gender 2023. 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/761055/share-adult-smokers-gender-brazil/>. Acesso em: 5 maio 2025.
30. STRAMARI LM, et al. Prevalência e fatores associados ao tabagismo em estudantes de medicina de uma universidade em Passo Fundo (RS). *Jornal Brasileiro de Pneumologia*, São Paulo, 2018; 44(6): 464-469.
31. SZKLO W, et al. A snapshot of the striking decrease in cigarette smoking prevalence in Brazil between 1989 and 2008. *PrevMed*, 2012; 54: 162-167.
32. SZWARCOWALD CR. Population-based evidence of a strong decline in the prevalence of smokers in Brazil (1989–2003). *Bull World Health Organ*, 2007; 85(7): 527-34.
33. TAWBA W, et al. Electronic cigarettes and their association with stress, depression, and anxiety among dental students in the UAE: a pilot cross-sectional study. *PeerJ*, 2024; 12: 18167.
34. WEST R, et al. Suporte para cessação do tabagismo: uma revisão sistemática. *Dependência*, 2019.